

LEMBRAR BAUDRILLARD

Última consciência infeliz do apogeu da cultura mediática¹

Eugênio Trivinho²

ILEGIBILIDADE deste
Mundo. Tudo em dobro.

CELAN (1999, p. 149).
(Grifo do original.)

Se a esperança se vai, esvoaçando,
que me importa se é noite ou se é dia...
entre real ou visão fugidia?

POE (1999)

I

Quando, em 1968, Jean Baudrillard iniciou sua trajetória bibliográfica de quatro décadas sobre a condição contemporânea – do social, da cultura, da política, da história e do sujeito –, o mundo institucional europeu parecia ruir pelos poros.³ Nascido em meio à crise econômica internacional de 1929, este pensador francês, natural de Reims, pequena e histórica cidade ao norte da França, na região de Champagne-Ardenne, e cuja virtuosidade intelectual cedo o levou para Paris (a pouco mais de 140 quilômetros dali), publicou, então com 39 anos, o seu primeiro livro, *O sistema dos objetos*, justo no ano em que a Europa era sacudida pelos heterodoxos eventos de um célebre mês de maio. Para além das coincidências histórico-biográficas e a despeito de quaisquer conclusões retroativas, por

¹ Versão sinóptica de argumentação dedicada ao pensamento do pensador francês, a ser publicada em próxima oportunidade. A elaboração do texto integra plano de pesquisa em andamento no PEPGCOS/PUC-SP, com apoio do CNPq (Bolsa de Produtividade).

² Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS-PUC/SP) e Coordenador Geral do CENCIB – Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura nessa instituição. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), coordenou, de 1995 a 2002, o Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociedade Tecnológica” (atual “Comunicação e Cibercultura”) da COMPOS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. É autor de *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada* (São Paulo: Paulus, 2007), *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual* (Rio de Janeiro: Quartet, 2001) e *Redes: obliterações no fim de século* (São Paulo: Annablume/FAPESP, 1998), entre outras obras.

³ A lista dos livros de Baudrillard, tomada como base da presente argumentação, consta no final do artigo.

mais pertinentes que sejam, o fato é que, de 1968 a 2007, esse signo involuntário, a sina das crises, das implosões e das ruínas, marcou-lhe profundamente a obra. Para se distinguir do efeito cinzento de uma modernidade em decadência e preannunciar a nova lógica pós-moderna do social, da política e da cultura – irônica e imprevisível, porque avessa aos planejamentos da razão –, Baudrillard fez dos escombros *epistème*, metáfora produtiva com a qual chacoalhou as ciências humanas e sociais. A partir de 2000, ano em que só aparentemente antecipou sua despedida reflexiva, com *Mots de passe*, motivada sobretudo pela saúde abalada, multiplicou, paradoxalmente, com fôlego renovado, a colaboração com a indústria bibliográfica. Balanço de suas idéias fundamentais, *Mots de passe* veio, pois, a público um ano antes da explosão dos dois aviões contra as torres gêmeas em Nova York. Com *Carnaval et cannibale* (escrito póstumo), após sete anos de negação ao silêncio da autoria individual, Baudrillard, em 06 de março de 2007, parou, enfim, de descrever – a morte, que teorizou com paixão, perpetuando-lhe o efeito indizível do câncer, outro de seus objetos pouco mais de 20 anos atrás. O mundo, do Golfo à América, ardia, desfazendo-se – e assim fazendo-se – como agora.

II

Embora Baudrillard não requeira introdução nos estratos mais informados do público leitor brasileiro, especialmente o dos centros universitários metropolitanos – nos e para os quais a indústria bibliográfica investiu na tradução da maioria de seus livros –, sua proposta epistemológica continua, *a rigor*, desconhecida no país. Em seja qual for a área do saber, exceto talvez a filosofia, não se estuda seriamente Baudrillard com o espírito aberto que ele exige e com a sistematicidade necessária; rejeita-se, *a priori*, o seu discurso. (Tal posição de rechaço tácito só encontra par na distorcida recepção que a teoria crítica da Escola de Frankfurt – especialmente Adorno e Horkheimer, menos Marcuse, Benjamin e Habermas – teve por parte do *establishment* intelectual de áreas mais pragmáticas, excetuados poucos autores que souberam entendê-los *de dentro* dos respectivos pensamentos.)

Para entrar no universo teórico e epistemológico de Baudrillard – sobretudo em sua fase pós-estruturalista, pós-semiológica e pós-psicanalítica madura, iniciada em meados da década de 70 do século passado, a partir de *L'échange symbolique et la mort* –, é necessário, mais que se despojar das próprias idéias, desaprender o social, em particular no que tange aos valores mais caros. Em cada pensador original pulsam sempre mais fortemente as idiossincrasias, para redenção intelectual de todo e qualquer tedioso cotidiano letrado.

III

A rigor, a metafísica ocidental teve quatro respeitáveis “pedras no sapato” – quatro vezes de desencanto produtivo radical, *pelas vísceras*, por assim dizer – que sequer necessitava de justificativa racionalizadora para *se dar* –: Schopenhauer, no século XVIII, Nietzsche, no século XIX, e Cioran e Baudrillard, no século XX.

Nesse contexto, Baudrillard foi um gênio da arte da epistemologia. (Poucos, aliás, compreenderam-lhe essa virtude enquanto ele estava entre nós.) Em regozijo indiferente em relação a seus críticos, cunhou um sem-número de conceitos-chave para a

compreensão da organização social, política e cultural do mundo egresso da Segunda Guerra Mundial. Foi dessa maneira que Baudrillard provocou o *establishment* intelectual a ir mais longe em matéria de teses sobre a lógica e sobre as tendências contemporâneas, e ele o fez mais do que quem sempre dele exigiu respeito aos cânones científicos.

Obviamente, o alvo de partida (e não planejado) dessa atividade de criação conceitual era, como não podia deixar de ser, o universo da academia, a alcova institucional e burocrática dos intelectuais de cátedra – na qual Baudrillard estava inserido; ele foi professor na Universidade de Nanterre (Paris X), antes de se vincular ao Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Em escritos cerzidos a mão – justamente na época mais agressiva da informatização de todas as práticas sociais – e pontuados em estilo elíptico, por vezes impressionista, quase kafkiano, não raro propositalmente impreciso e indeterminado, não explicitamente lógico, portanto “paracientífico” (acientífico ou anticientífico seriam equívocos), sua forma de reflexão, contra todos os empirismos e funcionalismos, se arranjava como especulação teórica inteiramente à parte (e ao arrepio) de qualquer tipo de norma (exceto as próprias), de amarras metodológicas e demais constrangimentos. Seus escritos inseriam-se, não raro, nos marcos do ensaísmo fortemente opinativo, próximo do literário socialmente orientado, ao modo de crônica reflexiva e conceitual incomparavelmente criativa, embora não deixasse de ser, por vezes, também árida, dispersiva e/ou repetitiva, plena de frases de puro efeito, a título suplementar de reafirmação estética de seus esquemas intelectivos de base. Combinavam-se a esse estilo raras citações de obras alheias, procedimento aliás comum na ensaística francesa (e que aprazia, igualmente, à maioria dos filósofos da Escola de Frankfurt, dos quais, exceção a Benjamin, Baudrillard manteve distância). Dir-se-ia, pois, tratar-se de escritos jamais filosóficos, *stricto sensu*. Seja como for, Baudrillard pouco se considerava do ramo, filósofo ou sociólogo, no rigor da palavra. Desde sempre, cumpriu sua reflexão sob a forma do que Deleuze (1992, p. 37, 42, 170) (de quem também discordava em essência) dizia ser uma das características principais da filosofia, vale dizer, a de desenvolver-se não à moda estrita, ao gosto da encomenda tradicional, mas como criação sistemática e orientada de conceitos acerca de determinado tema. À época do lançamento de *Les stratégies fatales*, Baudrillard, então com mais de 50 anos e doze livros no currículo, via-se, antes, como teórico e escritor – se moralista, era o outro que o alegava. Certa ocasião, disse-se, ironicamente, “impostor” e, cerca de dez anos antes de morrer, “paroxista indiferente”. Era, de toda forma e acima de tudo, um incitador, um desafiador, um perturbador de todas as condições necrosadas: atraía para si a responsabilidade pela constatação da implosão do signo e do sentido, do real e do social, do capital e do trabalho, da vanguarda e da dialética, do sujeito e da emancipação, do poder de Estado e da totalidade, da essência e da verdade – todos elementos basilares do edifício histórico da modernidade.

Quem teve a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de sua obra teve também o privilégio de testemunhar uma das teorias sociais mais incomuns do século XX. Baudrillard não teve igual enquanto em atividade, no âmbito da (defesa da) liberdade teórica, em imaginação conceitual e em conseqüências reflexivas de bom alcance. Qualquer mínima experiência em instituições de ensino superior não demonstra senão que somente uma coragem ímpar, em meio a deslealdades, veleidades e mesquinhas, gesta um estilo inconfundível.

À parte seus recorrentes padrões de intelecção (cujo mapeamento a presente exigüidade de espaço postergará para momento mais propício – trata-se aqui de uma homenagem, à moda de extenso epíteto), seu pensamento não é fácil de ser apreendido em movimento único, de uma vez por todas; é, sobretudo, impermeável a sínteses definitivas, tantos foram, ao longo do tempo, difusos os significados das categorias pelas quais se tornou

internacionalmente conhecido. Nem sempre o que Baudrillard tematizou em obras diferentes para responder a circunstâncias históricas e/ou desígnios distintos se refecham num quadro coerente de significação; como objetos de escape – conforme, aliás, ele o disse dos objetos do mundo, providos de uma astúcia, de um “gênio maligno” autônomo, que opera contra o próprio sujeito –, não se rendem *in totum* a uma exegese regida pela lógica, por mais bem sucedida que aparentemente seja. Com efeito, trata-se, no fundamental, de autor cuja escrita é límpida, envolvendo até mesmo passagens com simplicidade vocabular tal que não deve deixar de espantar os mais exigentes. A imprecisão voluntariamente impressionista de muitas de suas categorias compunha, na verdade, escora sutil e engenhosa contra os reducionismos normais levados a cabo – em geral à sua revelia – pela interpretação alheia.

IV

O apreço pela polêmica levou Baudrillard ao confronto direto em muitos setores da divisão social do saber, e ele o fazia aparentemente sem se importar com a fogueira na qual pudessem jogar a sua imagem pessoal. Conhecia o gênero humano e sabia contornar-lhe, pelo debate público, os respectivos disparates.

Voz necessária em nome da provocação intelectual como princípio de existência, Baudrillard fustigou as ilusões humanistas de esquerda (o marxismo, o anarquismo e seus corolários) e de direita (o liberalismo e quejando); e comprou conflito com o movimento feminista, com os artistas e com os seus próprios pares, os filósofos e sociólogos (sobretudo franceses, como Foucault e Bourdieu). Numa de suas desavenças intelectuais – que o hábito de estereotipagem jornalística e acadêmica acabou infelizmente por tornar célebre –, irritou a consciência antibélica da última década do século XX ao defender a tese de que a primeira Guerra do Golfo (1991), modelo das guerras futuras, não havia ocorrido, porque tinha se operado majoritariamente no âmbito da imagem, vale dizer, do simulacro como real e, portanto, da simulação da própria guerra – argumento que, independentemente de sua mordacidade discutível, só pode ser compreendido dentro dos marcos epistemológicos de sua obra (por vinculação à sua proposta de radicalização de todas as hipóteses), jamais a partir de fora, por referência a trechos isolados. (A comunidade intelectual e jornalística teria, à época, cumprido papel menos desonroso para si própria se não tivesse crucificado Baudrillard *a priori*, por desconhecimento hermenêutico do sentido de seu argumento. Mesmo se o tivessem deixado falando sozinho, até que o argumento rapidamente se esvaísse, teria tido atitude menos pior.) Essa atmosfera dialógica e tensa era, para Baudrillard, vida, sem artificialismo ou vacilação. Voluntariamente à margem das instituições sociais, marcou, no último quarto do século XX, justamente esse centro de cena ao ser mais radical que todas as esquerdas européias juntas.

V

Baudrillard foi, depois de Nietzsche, o filósofo mais prolífico, mais sistemático e, por isso, teoricamente mais conseqüente da crítica da própria pós-modernidade. Tudo o que registrou acerca da lógica da modernidade – como, em especial, em *L'échange symbolique et la mort* – era, na verdade, da pós-modernidade que se tratava. Fazia-o, por óbvio, sem ser, formalmente, “teórico do pós-moderno”. Dado que não era

condescendente com o tipo de formação social e cultural implicado em tal cláusula, não podia, muito menos, ser chamado – como sói ocorrer – de “pensador pós-modernista”. Renegava, obviamente, a alcunha. Apesar da natureza de seu discurso – um dos que, de toda forma, mais contribui, de fato, para a caracterização do social contemporâneo como pós-moderno –, evitava vincular o seu nome a expressões ambíguas ou equívocas. Preferia o termo hipermodernidade, uma modernidade cumulativamente ultrapassada pela aceleração tecnológica de seu próprio *modus operandi* mediático e por auto-saturação progressiva e irreversível.

Por todos os campos cognitivos e temáticos por onde passou, Baudrillard deixou um rastro de originalidade ao introduzir idéias e conceitos antes inexistentes, ao rearranjar as relações entre os já estabelecidos e ao propor o deslocamento de foco para objetos pouco percebidos ou estudados. Na economia, alegou que o valor de uso e o valor de troca haviam se implodido em prol do valor-signo, flutuante e imprevisível, a materialidade financeira abstratizando-se na profusão de dígitos em tempo real; todas as práticas de consumo, passaram a orbitar em torno de signos, não de materialidades, (em torno) de signos do objeto, não do próprio objeto (como suporte), por mais que tais práticas eventualmente impliquem consumação física deste último; nessas condições, a lógica da economia política no capitalismo tecnologicamente avançado fundava-se não na produção e circulação de bens destinados a satisfazer necessidades reais (conforme defendiam as vertentes do liberalismo e do marxismo), mas na busca estrutural (produção e consumo) pelo supérfluo, no desejo de luxo e ostentação (VEBLEN, 1953), no gasto suntuoso, na despesa improdutiva (BATAILLE, 1975). Na política, testemunhou a promiscuidade entre esquerda e direita, socialismo e capitalismo, construções simbólicas engenhosas que, como o Estado, se nutrem do que produzem e preservam (a miséria, as desigualdades e demais problemas pretextuais); o poder, para Baudrillard, era algo permanentemente fluido, migrante, nem macropolítico, centrado em instância social identificável (como o entendia a ciência política convencional), nem micropolítico, fragmentado e multifacetado nas instituições sociais (como na microfísica do poder, de Foucault). Na filosofia, notou que o que a metafísica ocidental sempre chamou de essência – uma impostura conceitual que se tornou ludismo nas mãos da hermenêutica e da ontologia – não eram senão “abismos superficiais”; a sedução, que muito tinha a ver com estes e precisava ser redimida do jugo da psicanálise, da jurisprudência e da moral prática, foi definida como processo de atração inesperada e fatal da vida social ou individual, capaz de alterar rotas ou destinos. Na comunicação, constatou que o excesso da produção mediática produz o seu contrário, a incomunicação, todo o sistema de informação vigente sendo refém do descumprimento irreversível de sua função original e precípua. Da arquitetura nas últimas décadas disse ser o reino do megaobjeto, objeto puro, auto-referencial (que remete soberano a outros objetos puros), aparentemente desprovido de historicidade. As ciências em geral eram, para Baudrillard, invenções culturais que, como a política, também viviam do que fabricavam, também lucravam com a simulação; a etnografia, por exemplo, se garantiu tempo infinito ao demarcar e isolar seu objeto no território geográfico sob o alibi da preservação de sua existência física. E assim por diante.

VI

Particularmente, a passagem de Baudrillard pelas temáticas da comunicação foi das mais instigantes de que se tem notícia desde a segunda metade do século XX.

Assim como Adorno certa vez sugeriu que não se podia viver no capitalismo sem uma categoria consistente de crítica como instrumento *sine qua non* de vida, Baudrillard cedo descobriu que não se podia desenvolver qualquer tipo de reflexão séria e atualizada sobre o mundo contemporâneo – capaz, ao mesmo tempo, de se autoproduzir como pensamento de tensão em relação a ele – sem passar pelo profuso fenômeno da comunicação, em seu viés de massa, interativo ou misto. Nada do pensamento de Baudrillard, em especial a sua força de palpitação e de alcance, teria sido aliás possível sem a atenção permanente à operação social dos *media*, à lógica de sua cultura típica e aos seus efeitos de reestruturação da vida cotidiana, doravante mundialmente estendidos.

A reflexão teórica de Baudrillard corresponde ao estado da arte dos signos (informações, imagens, dados): excessivos, velozes, auto-referentes, esvaziados e simulacionais (em relação ao real). Organizados como simulacros, ultrapassaram o ponto de não retorno (justo no momento em que a cultura encontrou o excesso de si, a sua contraparte velozmente extática e “pós-histórica”, em meados do século XX) e precipitaram o social no reino do hiper-real ao se refratarem e se comutarem em cadeia especular e sem moral aparente, construindo um tecido simbólico tautológico, auto-suficiente e inercial, permanentemente agônico, que, para além de qualquer representação, nada mais tem a ver com a realidade convencional, fundada no reino do objeto, legada pela tradição e pela modernidade. A visão de Baudrillard atualiza, assim, o postulado de Benjamin segundo o qual, no mundo da técnica proliferada (já na primeira metade do século XX) – conforme Heidegger (1958) também disso deu original testemunho, vislumbrando, pois, o fim da metafísica ocidental em virtude da plenificação da própria filosofia como racionalidade e técnica –, já não era possível encontrar o real. Na era pulverizada e indeterminada do social e da cultura que emergem da concatenação transnacional dos *media*, é o excesso de simulacros, egressos de reprodução técnica avançada, que, mais que barrar o acesso ao real, fazem-no desaparecer, justamente ao seduzi-lo para a ordem dos próprios simulacros. No apogeu da cultura mediática, no limite glacial da simulação, Baudrillard entreviu o simulacro absoluto onde a maioria enxergava apenas dados convencionais – o simulacro absoluto: o curto-circuito entre signo e objeto, a sua simultaneidade fatal, a reversibilidade de um no outro, e vice-versa, em campo fechado e mudo, de maneira tal que não se pode mais distinguir cada qual a não ser num ente único, o simulacro perfeito, agora referência prioritária. O mundo projetado pela reprodução técnica sofisticada e em larga escala – reprodução mais atrativa porque mais perfeita que o real, “mais real que o real”, dizia Baudrillard [esquema que então cristalizou e diversificou no interior de seu discurso e que não representava senão a radicalização da argumentação de Benjamin (1978)] – havia então cometido esse crime perfeito que somente o Mal (um princípio motriz de desarranjo estrutural e imprevisível) e a morte (a reversibilidade total) poderiam, se o quisessem (na astúcia de sua objetividade processual), redimir.

Não por outros motivos, de Baudrillard se pode dizer tudo – como dele já se disse de tudo um pouco, até mesmo o que não lhe era pertinente, em especial na esfera jornalística –, menos que seja um iconoclasta. Era preciso forte atração pelo mundo dos signos, em particular em sua forma de imagens, para que ele registrasse o que pensava sobre elas: liquefazendo o real na suntuosidade improdutiva e infinda da cultura, para além do valor de uso e do valor de troca, as imagens contribuam felizmente para corroer os alicerces do mundo herdado. Atento à significação histórica dos processos implosivos, Baudrillard não teria tido outro especial motivo para falar das imagens não fosse essa potência mortífera que simultaneamente as absolutizava em cinturão sem exterioridade.

É nesse universo – o da comunicação – que, no início dos anos 80 do século passado, Baudrillard foi buscar alento para desfechar, com elegância, a sua mais forte

denúncia (à falta de termo mais adequado aos dias atuais). Não existe terrorismo – desde a preparação do atentado até a barbárie e a contabilidade dos mortos – sem a cumplicidade dos *media*. Terrorismo, Estados nacionais, organizações internacionais multilaterais e meios de comunicação (*live*, *online* e impressos) são elementos indispensáveis de uma mesma cadeia estrutural, simbólica e circular da política em sua versão institucionalizada, conforme se traduz na disputa pelo aparelho de Estado e tal como se organiza desde ao menos o início da Guerra Fria, a saber, através dos *media*, sob a tutela das leis da audiência e do mercado, sem medida e referenciais no âmbito da negociação, *vis-à-vis*, sem controle sobre a sua própria *res*, sobre o seu *modus operandi* e sobre os seus horizontes. No afã de debelar o terrorismo, o Estado acaba por mimetizá-lo, alimentando o procedimento que deveria combater. O terrorismo, por sua vez, para ferir de morte o estado de coisas instituído e seus signos de poder (não exclusivamente centrados no Estado), serve-se dos meios de comunicação, que acabam por fazer o seu jogo, num contexto de insuportável troca impossível: na guerra por preservação ou ampliação da audiência e por garantia de reprodução estável dos negócios, os *media* têm de priorizar fórmulas de sucesso comprovado no imaginário das multidões, e a divulgação de atos e demandas terroristas constitui, nesse particular, expediente providencial. Tais injunções – vê-se bem pelas sinalizações de Baudrillard – não sobrelevam senão o contraditório papel (de par com o do Estado) da cultura mediática nesse cenário transpolítico: ela propaga o que fere o próprio regime democrático de que necessita para respirar liberdade, capitalizar-se e seguir em frente. Contribuindo (sem intenção) para manter no social a atmosfera de medo difuso e espíritos em suspenso, a cultura mediática cumpre, assim, uma das principais finalidades do próprio terrorismo: a alimentação constante do terror como ameaça virtual no plano do simbólico, para além da *empíria* dos atentados pontuais.

VII

Como Nietzsche (1995), que, sentindo próximo o ápice da alucinação irreversível, escreveu *Ecce homo*, para fazer o balanço de sua obra, Baudrillard, talvez prevendo para breve a sua partida, antecipou, em 2000, sua autobiografia conceitual, *Mots de passe*. Com ela e com uma dezena de novos escritos sequenciais (sem a força expressiva de sua fase áurea, nos anos 70 e 80), além de intervenções e entrevistas (duas delas relativamente longas, *D'un fragment l'autre* e *A propos d'Utopie*, como *Le paroxyste indifférent*, de 1997) realizadas até meados de abril de 2007, cumpriu-se o extenso legado teórico e epistemológico de um dos pensadores mais ativos da transgressora safra de 1968.

Primeiramente como crítico à moda convencional, depois como desafiador teórico tendo por base a ironia objetual e tendencial do próprio mundo tecnológico – ironia, de toda forma, involuntariamente prefigurada como modalidade inescapável de crítica social –, Baudrillard foi a última honrosa e radical consciência infeliz de nossos tempos, o último denso suspiro, o último alentado sopro de insatisfação intelectual visceral e inegociável em relação ao modelo de civilização em curso, articulado pelo imperativo mediático e cínico da saturação, da ausência de finalidade (hipertelia) e da incerteza estrutural. Consciência infeliz é, em síntese, o conhecido conceito sociopsicanalítico de Marcuse (1967) para nomear o resultado antropológico e psíquico do desconforto multilateral e permanente provocado nos indivíduos pelo modo predominante de socialização na civilização tecnológica avançada. Somente uma consciência infeliz débil ou titubeante pode ser objeto de conquista por parte dos discursos sociais e promessas circulantes, em favor da reprodução dos valores vigentes.

Em que pese a natural obsolescência das teses de Marcuse, a idéia de consciência infeliz, hoje aparentemente questionável à primeira vista, preenche-se de conteúdo e validade teoricamente extensíveis, senão universalizáveis, para além, portanto, de seu círculo etimológico restrito e de seu vínculo epocal. Longe de qualquer moralismo prático, refere-se, em geral, a um tipo especial de subjetividade, aquela que reconhece *de dentro, sem mediação simbólica*, o valor ético da suspeita e da resistência intelectual e, por isso, está sempre atenta às armadilhas e cooptações doravante entregues em todos os recintos sob o halo sedutor e *non-stop* dos signos mediáticos. A obra de Baudrillard, caudatária de distinta lucidez no auge da confusão dissuasiva do simbólico, encerra a idéia de Marcuse sob a forma de um niilismo contestatário e intempestivo no grau mais elevado. O fundamental de seu discurso representa, depois do de Cioran ([1988], 1989, 1991, 1994, 1995, 1997), o mais completo e acabado momento de desencantamento e de descrença que a Europa gestou – contra si e, ao mesmo tempo, para termômetro dos descaminhos da própria cultura ocidental – na segunda metade do século XX. A exemplo de Virilio (1975, 1977, 1978, 1984), desde cedo impressionado com a expansiva e devastadora fenomenologia da guerra, Baudrillard foi a memória convicta das sombras da modernidade, o testemunho não-condescendente de sua auto-realização por via do que ela escondia de pior, os escombros (no plano material e simbólico), sob o álibi da emancipação e do modelo ideal de vida humana. Não por outro motivo, Baudrillard dilatou e diversificou o princípio da desconfiança *a priori* num rumo relativamente único, o do confronto com esse *non-sense* macroestrutural sob a forma de universo mediático e simulacional, e o fez fora dos marcos da melancolia cultural, da nostalgia política e, sobretudo, do voluntarismo teórico em prol de utopias substitutivas. Militante da escrita em renovação permanente, Baudrillard cumpriu, nessa direção, *motu próprio*, o ideal de Benjamin (1993, p. 11) segundo o qual cabia aos intelectuais (dentre os quais, obviamente, o autor da série de excertos literários *Cool memories* não se via, esta sorte de seres devotados a uma ilusão, a revolução proletária) a necessária linguagem de prontidão, recurso espiritual tanto mais premente em tempos de ameaça institucional generalizada, como a que Benjamin viveu na passagem das décadas de 20 e 30 do século XX e que se apresenta ainda hoje, em novas bases e com matizes diferentes. Não obstante, Baudrillard tinha, involuntariamente, algo mais, o impulso que o projetaria, ao seu modo, a posto intelectual relativamente parelho – mas inteiramente contrário, por via do desencantamento e do desengajamento – ao de Sartre na história da França e da Europa, no último quarto do século passado. Um justo e distinto lugar na história do saber. Está para sobrevir quem, espelhando-se-lhe em função intelectual, possa reivindicar seu desígnio.

VIII

A morte de Baudrillard equivale a essas lacunas irredimíveis que a vida em certas épocas se atribui como dádiva, para honrar e valorizar aqueles a quem nos obriga a dizer, a contragosto, adeus.

Em relação à questão do poder, Baudrillard sugeriu *Esquecer Foucault*. Kroker e Cook (1988, p. 14-16), parodiando *en passant* o mote (sem lhe conceder tratamento teórico adequado) e em tom lúdico em relação à própria fonte inspiradora (ibid., p. 170-188), propuseram *Esquecer Baudrillard*. Com efeito, somente deve ser objeto de olvido – eterno, por sinal – quem joga em favor da segregação e da violência. Baudrillard, como Foucault, merece a melhor evocação da posteridade.

Quem quer que queira compreender o mundo tecnológico atual terá certamente de passar por sua obra, seja para discordar (mesmo com veemência), seja para concordar (ainda que sob a sensação de nada mais restar a dizer, supostamente porque o autor francês já o teria feito com talento), seja ainda para relativizá-la (admitindo validar-se apenas parte de sua argumentação). Do contrário, a compreensão pode, no todo e ao cabo, soar incompleta. Essa foi, aliás, a resposta sutil que a estrênuo e buliçosa pena de Baudrillard deu a quem o atacou em vida, enquadrando-o na tendência do irracionalismo antiintelectual, dizendo nele faltar rigor metodológico e epistemológico ou simplesmente tachando-o de intelectual-*show*, desprovido de profundidade. A última palavra ficou com o próprio Baudrillard, na partida – sua obra fala, na descrição de todo subtexto, que poucos de seus críticos lhe chegaram próximo na arte de esculpir idéias e conceitos incomuns.

A paralisação definitiva de sua reflexão representa, ao mesmo tempo, baixa insolúvel para a teoria social interessada na ressalva às condições de existência presentes e, paradoxalmente, como no caso de Bachelard, benefício intelectual sem par para todos os interessados em saber quão infinitos são os limites da imaginação epistemológica. Naturalmente, para seus admiradores mais tenazes, entretanto – e, na América Latina, há quem –, Baudrillard permanece vívido e segredado na cordilheira de seus tomos, à espera da merecida redescoberta, ao calor de nova época de ouro.

Feliz ou infelizmente, esse reexame ou balanço de sua obra terá de reconhecer que o arrefecimento progressivo da Guerra Fria, a partir dos anos 80, pegou, de fato, a sua visão teórica de surpresa. Baudrillard o sabia: dissolveram-se amplamente os processos empíricos e fatores simbólicos que lhe fundamentavam alguns dos aspectos argumentativos centrais. Do cômputo de estudos sérios já feitos sobre o seu pensamento, resta, como procedimento original, a quem o tempo julgar apto a relacionar missão e prazer à sempre frutífera operação por comparação ou confronto (no fio condutor de temas específicos e relevantes): com Diógenes, com Schopenhauer, com Benjamin e Adorno, com Levy-Strauss, com Cioran, com Foucault, com Lyotard e Sfez, com Deleuze e Derrida, com Virilio e com seus mestres e inspiradores, Marx, Veblen, Nietzsche, Saussure, Freud, Mauss, Lefebvre, Bataille, Barthes e Lacan, com os quais estabeleceu produtiva relação de tensão.

Pudesse Baudrillard renascer, preservando inteiramente a memória de seus escritos, não espantaria se, por sua propensão a auto-revolucionar-se no plano das idéias e da intervenção pública, comesse a sua reflexão do zero, para evitar cair em vícios do passado, dentre eles alguns dos seus; e certamente o faria com a vocação de quem não poderia deixar de fazê-lo, testemunhando-se novamente (como o velho e saudoso) Baudrillard.

Referências

BATAILLE, Georges. **A parte maldita**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BAUDRILLARD, Jean. **Le système des objets**. Paris: Gallimard, 1968.

_____. **Para uma crítica da economia política do signo**. São Paulo: Ed. 70; Martins Fontes, s/d.

_____. **Le miroir de la production: ou l'illusion critique du matérialisme historique**. Tournai: Casterman, 1973.

_____. **L'échange symbolique et la mort**. Paris: Gallimard, 1976.

_____. **L'effet Beaubourg**. Paris: Galilée, 1977.

- _____. **Oublier Foucault**. Paris: Galilée, 1977.
- _____. **Le PC ou les paradis artificiels du politique**. Fontenay-sous-Bois: Cahiers d'Utopie, 1978.
- _____. **De la séduction: l'horizon sacré des apparences**. Paris: Galilée, 1979.
- _____. **Simulacres et simulations**. Paris: Galilée, 1981.
- _____. **Les stratégies fatales**. Paris: B. Grasset, 1983.
- _____. **La gauche divine**. Paris: B. Grasset, 1984.
- _____. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **América**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- _____. Au-delà du vrai et du faux, ou le malin génie de l'image. **Cahiers internationaux de Sociologie**, v. 82, p. 139-145, 1987.
- _____. **L'autre par lui-même**: habilitation. Paris: Galilée, 1987.
- _____. **A transparência do mal**: ensaios sobre os fenômenos extremos. São Paulo: Papyrus, 1990.
- _____. **La guerre du Golfe n'a pas eu lieu**. Paris: Galilée, 1991.
- _____. **La société de consommation**: ses mythes, ses structures. Paris: Gallimard, 1996.
- _____. **L'illusion de la fin**: ou la grève des événements. Paris: Galilée, 1992.
- _____. **Cool memories**: 1980-1985. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.
- _____. **Cool memories II**: crônicas 1987-1990. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____. **Cool memories III**: fragmentos 1991-1995. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- _____. **Cool memories IV**: crônicas 1996-2000. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- _____. **O crime perfeito**. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.
- _____. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. **O paroxista indiferente**: conversas com Philippe Petit. Lisboa: Ed. 70, 1998.
- _____. **Mots de passe**. Paris: Fayard, 2000.
- _____. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. **La pensée radicale**. Sens & Tonka, 2001.
- _____. **L'esprit du terrorisme**. Paris: Galilée, 2001.
- _____. **A troca impossível**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- _____. **De um fragmento ao outro**: entrevista concedida a François L'Yvonnet. São Paulo: Zouk, 2003.
- _____. **Power inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____. **O anjo de estuque**: poesia e fotografia. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- _____. **Le pacte de lucidité ou l'intelligence du mal**. Paris: Galilée, 2004.
- _____. **A l'ombre du millénaire ou Le suspens de l'an 2000**. Paris: Sens & Tonka, 2005.
- _____. **A propos d'Utopie**: entretien avec Jean-Louis Violeau. Paris: Sens & Tonka, 2005.
- _____. **Le complot de l'art**. Paris: Sens & Tonka, 2005.
- _____. **Les exilés du dialogue**. Paris: Galilée, 2005.
- _____. **Sommes-nous?**. Paris: Naïve; J. Di Sciullo, 2006.
- _____. **Pourquoi tout n'a-t-il pas déjà disparu**. Paris: Herne, 2007.
- _____. **Carnaval et cannibale**. Paris: Herne, 2007.

BAUDRILLARD, Jean; NOUVEL, Jean. **Los objetos singulares**: arquitectura y filosofía. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

BAUDRILLARD, Jean; MORIN, Edgard. **A violência do mundo**. Rio de Janeiro: Anima, 2004.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 209-244.

_____. **Obras escolhidas**: rua de mão única. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, v. II, 1993.

CELAN, Paul. **Cristal**. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CIORAN, Emile M. **A tentação de existir**. Lisboa: Relógio d'Água, [1988].

_____. **Breviário de decomposição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. **Silogismos da amargura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. **História e utopia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **Breviário de decomposição**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. **Cahiers: 1957-1972**. Paris: Gallimard, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Essais et conférences**. Paris: Gallimard, 1958.

KROKER, Arthur; COOK, David. **The postmodern scene**: excremental culture and hyper-aesthetics. Houndmills: Macmillan, 1988.

MARCUSE, Herbert. **Ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

NIETZSCHE, Federico [Friedrich]. **La voluntad de dominio**: ensayo de una transmutación de todos los valores (estudios y fragmentos). Buenos Aires: M. Aguilar, 1947.

_____. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**: ou como filosofar com o martelo. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Fragmentos do espólio**: julho de 1882 a inverno de 1883/1884. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2004.

_____. **Escritos sobre história**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

POE, Edgar Allan. **Poemas e ensaios**. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. 3. ed. São Paulo: Globo, 1999, p. 47. (Poema “Um sonho num sonho”).

SCHOPENHAUER, Arthur. **Le monde comme volonté et comme représentation**. Paris: PUF, 1966.

_____. **Parerga and paralipomena**: short philosophical essays. Oxford: Oxford University Press; New York: Clarendon Press, 2000.

VEBLEN, Thorstein. **The theory of the leisure class**. New York: New American Library, 1953.

VIRILIO, Paul. **Bunker archeologie**. CCI, 1975.

_____. **Vitesse et politique**. Paris: Galilée, 1977.

_____. **Défense populaire et luttes écologiques**. Paris: Galilée, 1978.

_____. **Guerra pura**: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984.